

MEMÓRIAS CLIMÁTICAS E ENVELHECIMENTO: PERCEPÇÕES DE IDOSOS SOBRE AS MUDANÇAS AMBIENTAIS

Rosimeire da Silva Marques

Júlia Francisca Gomes Simões Moita

RESUMO

Esta pesquisa analisa as representações sociais e as memórias coletivas de idosos sobre as mudanças climáticas e seus impactos na qualidade de vida no Pontal do Triângulo Mineiro. Trata-se de um estudo qualitativo, exploratório e descritivo, baseado em entrevistas semiestruturadas realizadas no primeiro semestre de 2026 com seis pacientes idosos de um Centro de Hemodiálise. O referencial teórico-metodológico articulou os conceitos de memória de Maurice Halbwachs, a Teoria das Representações Sociais e a perspectiva decolonial. A análise de conteúdo revelou que as transformações locais causadas pela expansão da cana-de-açúcar, desmatamento do Cerrado, acúmulo de sedimentos de rios e queimadas que são percebidas empiricamente pelos sujeitos através do corpo, do cotidiano e de agravos à saúde respiratória. Evidenciou-se, ainda, um dilema subjetivo entre os danos ecológicos e a dependência do progresso econômico regional. Conclui-se que o resgate dessas trajetórias invisibilizadas denuncia a insuficiência das políticas públicas protetivas e reitera a urgência de estratégias inclusivas de reparação socioambiental.

Palavras-chave: Mudanças Climáticas. Envelhecimento. Memória Coletiva. Pontal do Triângulo Mineiro.

ABSTRACT

This research analyzes the social representations and collective memories of older adults regarding climate change and its impacts on quality of life in the Pontal do Triângulo Mineiro region. This is a qualitative, exploratory, and descriptive study based on semi-structured interviews conducted in the first semester of 2026 with six elderly patients at a hemodialysis center. The theoretical and methodological framework integrated Maurice Halbwachs' concepts of memory, the Theory of Social Representations, and the decolonial perspective. Content analysis revealed that local environmental transformations—driven by sugarcane expansion, Cerrado deforestation, river silting, and wildfires—are empirically perceived by the subjects through their bodies, daily routines, and respiratory health issues. Furthermore, a subjective dilemma emerged between ecological damage and dependence on regional economic progress. The study concludes that rescuing these invisible trajectories exposes the insufficiency of protective public policies and reinforces the urgent need for inclusive social-environmental reparation strategies.

Keywords: Climate Change. Aging. Collective Memory. Pontal do Triângulo Mineiro.

1.Introdução

Esta pesquisa é o resultado de entrevistas com idosos que frequentam um Centro de Hemodiálise sobre as representações sociais que eles possuem a respeito do clima na região do Pontal do Triângulo, onde a clínica está situada. As conversas foram realizadas no primeiro semestre de 2026.

As mudanças climáticas constituem uma das expressões mais graves da crise socioambiental contemporânea, pois seus impactos ultrapassam a dimensão ambiental e atingem diretamente as condições de vida da população, especialmente dos grupos historicamente vulnerabilizados. No caso das pessoas idosas, esses efeitos tornam-se ainda mais preocupantes, considerando possíveis fragilidades físicas, presença de doenças crônicas, dependência de serviços públicos, limitações de mobilidade e maior exposição ao calor intenso, às queimadas, à fumaça, à escassez de água e à degradação do território. Assim, a qualidade de vida dos idosos deve ser analisada de forma ampla, envolvendo saúde, bem-estar, moradia, renda, convivência comunitária, acesso a políticas públicas e relação com o ambiente.

A teoria das representações sociais (Camargo e Wachelke, 2007) contribui para compreender como os idosos interpretam e atribuem significado às mudanças climáticas a partir de suas vivências individuais e coletivas. Suas falas sobre o aumento do calor, o desaparecimento de córregos, o desmatamento, as queimadas e os impactos na saúde não devem ser vistas apenas como opiniões pessoais, mas como formas socialmente construídas de explicar a realidade. Por meio da memória, os participantes comparam o passado e o presente, revelando como as alterações ambientais são sentidas no corpo, no cotidiano e na relação com o território. Dessa forma, as representações sociais permitem analisar como a crise climática é percebida pelos sujeitos idosos, evidenciando que suas experiências expressam não apenas lembranças individuais, mas também contradições sociais mais amplas, como o avanço do chamado progresso econômico, a degradação ambiental e a insuficiência de políticas públicas voltadas à proteção da população idosa diante dos impactos climáticos.

Metodologia

A presente pesquisa, de abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, buscou compreender como as mudanças climáticas afetam a percepção de idosos na região do Pontal do Triângulo Mineiro, considerando suas experiências e memórias sobre as transformações ocorridas no clima e na paisagem ao longo do tempo. Parte-se do entendimento de que tais impactos não são distribuídos de forma homogênea, sendo atravessados por desigualdades sociais, territoriais e históricas que intensificam a vulnerabilidade de determinados grupos, entre eles os idosos.

A escolha pela abordagem qualitativa se justifica pela necessidade de compreender não apenas os efeitos objetivos das mudanças climáticas, mas também as formas pelas quais esses fenômenos são percebidos, vivenciados e significados pelos sujeitos em seu cotidiano. Nesse sentido, a pesquisa busca identificar, de maneira específica, como as mudanças climáticas na região do Pontal do Triângulo Mineiro afetam a qualidade de vida da população idosa, considerando as particularidades locais, as condições socioeconômicas e as formas de inserção desses sujeitos no território.

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre as transformações climáticas ocorridas na região citada, bem como foram feitas leituras sobre envelhecimento da população.

Em seguida, foram realizadas entrevistas com seis pessoas idosas (ver Tabela 1) que utilizam o serviço especializado para pacientes renais crônicos em uma cidade da região citada, durante o atendimento.

Tabela 1. Informações gerais sobre os informantes.

Entrevistado	Idade	Estado Civil	Sexo	Escolaridade	Renda	Profissão	Cor	Mora com
Deodoro (18-02-2026)	62 anos	Viúvo	Masculino	Fundamental Incompleto	Pensionista	Pedreiro e Cardesista (?)	Branco	Sozinho
Mariana (18-02-2026)	71 anos	Casada	Feminino	Não frequentou	Aposentada rural	Do lar	Negra	Esposo, neto e filho
Florianio	67 anos	Casado	Masculino	Superior	Aposentado	Contador	Branco	Esposa, filhos, netos,

(25-02-2026)								passarinhos e cachorros
Afonso (25-02-2026)	65 anos	Divorciado	Masculino	Não informou	BPC	Agricultor e pedreiro	Pardo	Sozinho
Josina (25-02-2026)	61 anos	Viúva/Amasida	Feminino	Não informou	Não informou	Não informou	Parda	Filhos e novo marido
Venceslau (27-04-2026)	64 anos	Casado	Masculino	Ensino Médio Completo	Aposentado	Contador	Preto	Esposa

As conversas foram conduzidas a partir da ideia de Memória, seguindo a teoria de Maurice Halbwachs (2006) que permite compreender que a percepção das mudanças climáticas por parte dos idosos está diretamente relacionada à memória coletiva, uma vez que suas experiências são construídas a partir de referências sociais e históricas acumuladas ao longo da vida. Dessa forma, ao investigar os efeitos dessas mudanças, a pesquisa também busca captar como esses sujeitos interpretam as transformações ambientais, estabelecendo comparações com o passado e atribuindo sentidos às alterações percebidas no clima e no território.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, que permitiram investigar, de forma aprofundada, os principais efeitos das mudanças climáticas sobre a saúde física e mental das pessoas idosas, incluindo como esses impactos interferem em suas condições de vida e contribuem para o aumento da vulnerabilidade a doenças. Além disso, as entrevistas possibilitaram compreender como os participantes percebem as mudanças no clima ao longo do tempo, de que forma essas alterações afetam seu cotidiano e quais estratégias utilizam para lidar com tais transformações.

Segundo Thompson (1992) a entrevista destaca-se como recurso fundamental para a produção e interpretação, articulando os dados empíricos com o referencial teórico adotado, de modo a compreender como as experiências individuais permitindo que a experiência de grupos frequentemente invisibilizados entre no processo de construção da análise.

Sempre que possível, a investigação foi complementada pela observação dos contextos em que os participantes estão inseridos, considerando aspectos como condições de moradia, infraestrutura urbana e exposição a riscos

ambientais, o que permitiram uma análise mais contextualizada das condições de vida e das vulnerabilidades enfrentadas.

Os dados coletados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo, possibilitando a identificação de categorias temáticas relacionadas à vulnerabilidade socioambiental, aos impactos na saúde, às estratégias de adaptação e aos processos de invisibilização social. As categorias apresentadas neste trabalho são: 1) Memórias climáticas da região, 2) As mudanças climáticas: as queimadas 3) Dilema das queimadas, 4) A relação dos entrevistados com o clima e 5) As mudanças climáticas: o desmatamentos

Por fim, a pesquisa respeitou os princípios éticos que orientam estudos com seres humanos, garantindo o sigilo das informações e o respeito à sua autonomia. Ainda que não tenha pretensão de generalização, o estudo busca contribuir para a produção de conhecimento crítico no campo da ciências sociais e das políticas públicas, oferecendo subsídios para a construção de estratégias mais eficazes e inclusivas no enfrentamento dos impactos das mudanças climáticas sobre a população idosa.

1.2. Referencial Teórico

A perspectiva deste trabalho segue o pensamento decolonial (Ballestrin, 2011), já que este contribui para evidenciar que as desigualdades contemporâneas estão profundamente vinculadas à permanência da colonialidade do poder, do saber e do ser, estruturando formas desiguais de acesso a recursos, direitos e condições de vida .

Tal compreensão permite analisar como os impactos das mudanças climáticas tendem a atingir de forma mais intensa grupos socialmente vulnerabilizados, ampliando desigualdades já existentes.

A perspectiva de Becker (2008) também se mostra relevante ao possibilitar a análise dos processos de construção social da marginalização, evidenciando como determinados grupos podem ser invisibilizados ou ter suas demandas desconsideradas pelas normas sociais dominantes. Nesse contexto, a população idosa pode ser negligenciada nas políticas públicas, o que impacta diretamente sua capacidade de enfrentamento diante das mudanças climáticas, reforçando situações de vulnerabilidade e exclusão.

Além disso, é importante notar que o pensamento de Karl Marx continua atual para compreender a crise ambiental, pois mostra que a destruição da natureza está diretamente ligada ao modo de produção capitalista. Segundo Antônio Andrioli (2009), a busca incessante pelo lucro transforma tanto o trabalho quanto a natureza em mercadorias, promovendo a exploração dos trabalhadores e a degradação ambiental. Dessa forma, os problemas ecológicos não podem ser solucionados apenas por mecanismos de mercado ou por mudanças individuais, mas exigem transformações nas relações sociais e econômicas que sustentam o capitalismo, buscando uma relação mais equilibrada entre sociedade e natureza.

2. Desenvolvimento

2.1. “Hoje não tem esses corgos. Secaram todos”: Memórias climáticas da região

Ao iniciar as entrevistas, perguntei para os participantes sobre as memórias deles em relação ao clima da região. Alguns falaram sobre a vida no campo, outros falaram sobre o cerrado e as transformações que viram acontecer.

Tenho muita lembrança de quando criança passear nas matas, em local que eu já fui em matas. E meu avô tinha fazenda, tinha muita parte que era mato, que ele preservava, e eu quando criança passeava lá e hoje nesses locais não tem mais as matas que tinham, então, hoje, lá basicamente quando não é a lavoura cana, é a pastagem de gado. (Deodoro, 62 anos, 18-02-2026).

As boas lembranças de Deodoro não são compartilhadas por Mariana e Floriano. Ambos foram criados também na zona rural, mas problemas familiares afetam suas recordações.

Eu não tive juventude boa não, porque fui criada pelo meu pai, eu só era no serviço, eu não aprendi a estudar eu não aprendi a fazer uma leitura porque meu pai não procurava nenhuma escola

era cada dois meses numa fazenda e sempre colocando a gente pra poder trabalhar então não tenho recordação feliz daquela época. (Mariana, 71 anos, 18-02-2026)

Não tenho muitas lembranças não, igual te falei quando comecei a me entender por gente, quando tinha 20 anos, eu sofri muito porque meu pai era alcóolatra. A lembrança que eu tenho é que eu ia para a beira dos rios nadar, tinha muito rio e muito corgo a gente tinha aquela turma e brincava lá no quintal. A gente era pobre, então, era só essa lembrança que eu tenho, hoje não tem esses corgos, secaram todos (Floriano, 67 anos, 25-02-2026).

A relação com a terra está presente em todos os relatos, mesmo entre aqueles que moram na cidade. Com isso, o desmatamento é percebido por todos e é parte da memória deles.

Eles desmataram muito e tinha córrego e hoje está todo assoreado por causa dos desmatamentos e eu lembro bem como que era na minha infância e hoje lá e todo assoreado, quase não vê o curso da água, só quando chove muito, mas virou só areia porque desmatou e a erosão veio, da minha infância eu só lembro isso, hoje é bem diferente lá atrás a 50 anos. Estou falando da lembrança em específico de Gurinhata, na barra de São Jerôme¹ e voltando nesse sentido ribeirão São Jerôme a gente pescava e hoje quando a gente vai lá o povo fica sabendo tá todo assoreado ta todo acabado sem peixe. (Deodoro, 62 anos, 18-02-2026).

O aumento da temperatura na região, também é mencionado por alguns participantes da pesquisa.

Tinha um tempo que era mais frio. 14 de maio, o nascimento da minha irmã. A grama tava todinha cheinha de gelo, aquelas bananeiras você não vai nem acreditar que parece até que

¹ Rio São Jerônimo é um afluente da margem direita do rio Paranaíba localizado no Triângulo Mineiro

passaram fogo nelas, era muito frio agora tá tranquilo já o calor está fazendo demais agora o frio diminuiu um pouco em vista quando eu tinha idade 12 ,13 anos era muito frio. (Mariana, 71 anos, 18-02-2026).

Portanto, as transformações na paisagem e os eventos climáticos extremos são percebidos como evidências práticas das alterações ambientais globais, dispensando o intermédio dos meios de comunicação para a validação dessa realidade local. Como destaca um dos entrevistados:

Assim, não me lembro a não ser essas enchentes essas coisas ai, terremoto no mundo não aqui e a gente vai presenciando e a mudança do tempo ta ai, então para você ver não precisa ser visto na televisão, ao redor a gente vai vendo as mudanças a erosão de terra, a gente vai vendo muito porque é um cerrado (Venceslau, 64 anos, 27-04-2026).

A transição ou o contraste entre o espaço rural e o urbano revela subjetividades distintas sobre a qualidade de vida e as demandas de adaptação de cada ambiente. Enquanto para alguns a vida no espaço rural representa um ideal de bem-estar, para outros, a cidade centraliza as oportunidades estruturais necessárias para a sobrevivência:

Moro na cidade, mas tem muita diferença, o campo é muito melhor que na cidade eu acho, mil vezes melhor (Josina, 61 anos, 25-02-2026).

Em contrapartida, as exigências do cotidiano urbano e a falta de habituação com a vida no campo geram percepções opostas quanto à preferência residencial, conforme observado no relato a seguir:

A diferença é enorme porque na cidade a gente tem muitas coisas para fazer e muitas oportunidades, na fazenda é só aquilo lá mesmo e pronto, e a gente não tá preparado para isso e na cidade a gente já está preparado para tudo, e eu não to preparado, nunca fui preparado, nunca morei acho muito difícil, prefiro morar na cidade do que no campo (Venceslau, 64 anos, 27-04-2026).

As trajetórias de vida dos participantes são marcadas por severas vulnerabilidades socioeconômicas no ambiente doméstico, mas também por processos de superação e diversificação profissional ao longo dos anos. Além disso, emerge dos relatos uma mudança geracional na dinâmica familiar, onde o silêncio do passado dá lugar ao diálogo contemporâneo.

Eu nasci em um hospital. Minha mãe passou mal, ela foi levada pro hospital, ela quase morreu. Durante muito tempo ela morava na roça depois nos mudamos para a cidade, minha vida foi muito sofrimento dos 4 aos 11 anos passei até fome porque tinha esse problema de alcoolismo na minha família. Mas tirando isso, minha vida foi, graças a Deus, foi de muita vivência. Já fui de tudo, fui trabalhador rural, formei como contador mas, já fui político, eu já participei de tudo, me formei contador e mantive a minha vida nesse foco. (Floriano, 67 anos, 25-02-2026).

Nota-se que, paralelo às memórias de privação material e reconstrução pessoal, as dinâmicas de comunicação dentro do núcleo familiar também passaram por transformações profundas. As lacunas de informação sobre o passado dos pais, comuns em gerações anteriores devido a posturas mais reservadas, contrastam com a abertura ao diálogo observada na atualidade, conforme pontua:

Essa questão eu não sei bem, mas para mim foi na fazenda porque minha mãe morava na fazenda, é porque não foi falado porque os pais não comentavam. Hoje a gente fala tudo para os filhos tudo é aberto (Venceslau, 64 anos, 27-04-2026).

Por fim, a velhice e o estabelecimento da própria descendência surgem nos depoimentos como um período de colheita afetiva e estabilidade, em oposição às dificuldades vivenciadas na juventude:

Hoje eu tô no reino da glória. Criou minha família e agora que estou vivendo a minha vida, estou aproveitando o máximo agora tenho 53 anos de casamento tem algumas desavenças, mas to no reino da glória. Criou minha família. (Mariana, 71 anos, 18-02-2026).

Desse modo, as narrativas evidenciam que a memória constitui um importante elemento para compreender como os idosos percebem as transformações ambientais e atribuem significado às mudanças ocorridas na região.

2.2. “O fazendeiro comprou a fazenda, desmatou o mato, enterrou as árvores e queimou muito delas”: As queimadas na percepção dos entrevistados

As queimadas são acontecimentos cada vez mais comuns no país. Os efeitos delas na saúde das pessoas estão sendo estudados por diversas áreas do conhecimento. As queimadas de cana, por exemplo, liberam uma fumaça tóxica cujos impactos na saúde respiratória já são sentidos pela população. De acordo com Ribeiro e Assunção (2002, apud Ribeiro e Facinelli, 2010), "a fumaça carrega partículas carbonizadas (carvãozinho), pó, fiapos de palha e gases nocivos à saúde" (p. 50).

O corte de cana-de-açúcar - quando não queimada - exige muito mais esforço dos cortadores, diminuindo a produtividade do corte manual em comparação às máquinas colheitadeiras. Por isso, é tão comum a queima na região².

Os efeitos da queima são sentidos pelos trabalhadores dos canaviais e pelas pessoas que residem na região onde as queimadas acontecem. As queixas mais comuns dos moradores em regiões afetadas pelas queimadas são de irritação nos olhos, tosse, dores de cabeça etc. (Ribeiro e Facinelli, 2010). Deodoro se mostra preocupado com as condições dos trabalhadores das usinas. Principalmente, com relação ao fogo:

Às vezes quando tem queimada tem muita fuligem, né? É claro que impacta, sim, sem dúvidas. Agora, sim, isso é indiretamente.

² A cana-de-açúcar (*Saccharum spp*) é uma planta bastante rígida com tecidos resistentes e elásticos, o que dificulta seu corte. A maior parte da cana de açúcar no Brasil é colhida manualmente. A queima das lavouras na pré-colheita torna a planta mais quebradiça, maximizando a capacidade de corte e reduzindo o tempo de colheita. Quando a cana é cortada verde, sem queima, a produtividade média do cortador pode cair até 1/5. A queima da cana traz algumas vantagens agrícolas, além da facilitação do corte. (Ficarelli e Ribeiro, 2010, p. 50).

Mas quem é trabalhador daquele local impacta, mas eu creio que sim. A pessoa trabalha em um ambiente que pode ter fogo a qualquer momento, ele vai ficar mais apreensivo, ele vai trabalhar mais preocupado com aquilo que a qualquer momento pode acontecer. A pouco tempo na região de São Simão foi falado nos jornais de 5 trabalhadores que morreu no corte da cana porque teve o fogo e eles não conseguiram sair do meio do fogo. Então imagina quem tá no ambiente desse? Ele tá preocupado. (Deodoro, 62 anos, 18-02-2026).

Além do trabalhador da Usina, Deodoro lembra que, na cidade, os efeitos também são sentidos:

Claro que para o trabalhador e mais, a gente também mesmo estando na cidade sofre as consequências principalmente a fuligem que tá nessa época de queimada e muito né? Aí você fica com a respiração muito ruim, e dá muita doença respiratória nessa época principalmente os idosos e as crianças. (Deodoro, 62 anos, 18-02-2026).

Mariana tem lembranças semelhantes em relação às queimadas, que classifica como perturbadoras. Ela afirma, entretanto, que as coisas melhoraram muito.

Agora melhorou bastante. Onde a gente mora parou com aquelas queimadas porque a Andrade, a usina, era pertinho de onde a gente morava, aí então queimava muitas coisas e perturbava a gente demais porque era uma cidade bem pequeninha né? Mas agora o ar tá livre controlou muito agora. (Mariana, 71 anos, 18-02-2026).

A percepção da participante de que "as coisas melhoraram" no que se diz respeito aos incêndios e fumaça encontra respaldo direto na evolução do sistema jurídico ambiental brasileiro. Historicamente, as queimadas eram utilizadas de forma indiscriminada para a limpeza e manejo de áreas agricultáveis. Contudo,

restrições progressivas foram estabelecidas, notadamente a partir do Código Florestal de 2012 (Lei nº 12.651/2012), que proibiu o uso do fogo na vegetação, salvo em situações excepcionais de queima controlada e autorizada. Mais recentemente, a instituição da Política Nacional de Manejo Integrado do Fogo (Lei nº 14.944/2024) consolidou diretrizes estritas para a substituição gradativa do fogo por tecnologias alternativas, intensificando a fiscalização e a responsabilização administrativa e criminal por práticas irregulares. Desse modo, a memória da entrevistada reflete o impacto prático dessa transição regulatória e a maior repressão institucional aos focos de incêndio na região.

O impacto das queimadas na saúde é sentido não apenas por Mariana, mas por amigos e conhecidos dela, que apresentaram quadros graves por conta da fumaça.

Apenas queimadas de quando a usina punha fogo, afetava a cidade, mas ele socorria lá - a tempo e a hora - o corpo de bombeiro (...) Ficava muito sufocada com a fumaça, a cidade inteira mais perto da Andrade ficava sufocada com aquela fumaça, tinha uma amiga que dava uma falta de ar. É muito triste, ela falava que se continuasse ela não iria aguentar, eu nunca sofri, incomodava mas dava para aguentar. (Mariana, 71 anos, 18-02-2026).

Além de problemas de saúde, o intenso uso de energia de combustíveis fósseis apresenta problemas para a humanidade, entre eles, altos custos, poluição do ar, aquecimento global, riscos de segurança, depleção de recursos não renováveis e desigualdade (Ficarelli e Ribeiro, 2010). Os prejuízos para a sociedade são muito grandes, há os danos à flora e à fauna; desequilíbrio ecológico de insetos, aves, répteis e plantas; sedimentação de poeira por cidades próximas; aumento de incidência de doenças respiratórias na população da região, tornando maior a procura por postos de saúde e hospitais; aumento de acidentes em estradas da região, pela redução de visão causada pela fumaça.

Floriano tem lembranças das mudanças na paisagem, que ocorreram por conta do desmatamento e enterramento das árvores.

Já lá tinha uma floresta muito grande, o fazendeiro comprou a fazenda e desmatou todo o mato e enterrou as árvores e queimou muito delas, foram muitos alqueires queimados pela ganância do homem pra ganhar dinheiro. Essa destruição aconteceu no município de Centralina. (Floriano, 67 anos, 25-02-2026).

Para Deodoro, a própria agricultura da região é afetada:

E outra razão da questão agricultura, porque veja bem, hoje, o canavial se pega fogo vai longe e aumenta muito a destruição porque volta o mesmo sentido que eu falei, porque não há mais matas e rios. Os cursos de água, hoje, estão destruídos também, não tem mais barreira para o fogo, o fogo começa aqui e vai quilômetros, principalmente quando pega fogo em canavial. Já vi muitas tragédias com fogo em plantações de cana, quantos trabalhadores não morrem, porque o fogo se alastra muito rápido porque é um campo aberto, não tem barreira nenhuma que segura o vento, mata ciliares, árvores, os córregos, isso tudo levou a destruição né, aí isso atrapalhou tudo né. (Deodoro, 62 anos, 18-02-2026).

Venceslau não consegue imaginar como ele pode ajudar a melhorar a situação. Ele se sente impotente diante do desastre:

Sim, aqui na nossa região de Ituiutaba tem queimada e pega fogo, aí por isso que eu falo que não adianta ficar preocupado com uma coisa que as pessoas falam muito nisso, é as que fazem, então é muito difícil. Eu sou quem nessa história? Ninguém. (Venceslau, 64 anos, 27-04-2026).

Afonso é otimista quanto às queimadas, ele acredita que com a nova legislação, elas praticamente não existem mais:

Queimadas não existe mais isto traz poluição pra gente (Afonso, 65 anos, 25-02-2026).

Josina também acredita que as coisas estão muito diferentes e que as queimadas diminuíram:

Já observei, hoje em dia é bem diferente. Não é que nem antigamente, a natureza e os campos tinham muitas queimadas (...) totalmente diferente de antigamente (Josina, 61 anos, 25-02-2026).

Contudo, essa percepção de que o espaço rural está melhor do que o urbano é relativizada pelos participantes que tensionam a ideia de que o campo permaneça sem contaminação, destacando que a dispersão atmosférica dos poluentes e a recorrência de focos de incêndio pulverizados:

No campo hoje é uma queimada aqui uma queimada ali aí arrebenta não tem nada saudável hoje, tanto no campo como na cidade. O pessoal queima o campo, vem aí observar, então direto o campo tá pior do que a cidade conforme for o tamanho da cidade (...) Aqui em Ituiutaba ainda não, mas tem pouco de poluição justamente a queimada da cidade e isso é terrível, então ainda não tá assim falar que isso faz mal, quando queima em redor da cidade na zona rural, aí o bicho pega porque venta e o vento traz (Venceslau, 64 anos, 27-04-2026).

De modo geral, as narrativas dos participantes revelam que o fenômeno das queimadas na região transcende a dimensão puramente climática, configurando-se como o reflexo visível das dinâmicas econômicas e dos modelos de exploração do solo que moldaram o território ao longo das últimas décadas.

A análise dos depoimentos expõe uma clara linha de transição temporal e perceptiva: se, por um lado, há um consenso de que os avanços legislativos recentes e a modernização tecnológica das usinas mitigaram a fumaça constante que sufocava os perímetros urbanos no passado, por outro, as marcas dessa degradação histórica permanecem profundamente enraizadas na

realidade local. O impacto severo na saúde respiratória de idosos e crianças, o risco iminente de tragédias nos canaviais que ainda assombra a subjetividade dos trabalhadores rurais e o sentimento de impotência do cidadão comum diante das forças do agronegócio demonstram que a superação formal da prática não apaga os seus desdobramentos humanos e sociais.

Portanto, as memórias mencionadas trazem à tona a indissociabilidade entre o bem-estar humano e a preservação ecológica, evidenciando que as feridas causadas à paisagem materializadas no desmatamento severo do Cerrado, na destruição das matas ciliares e no assoreamento dos cursos d'água, desarmaram os mecanismos naturais de defesa da região, potencializando o alastramento dos incêndios contemporâneos.

Desse modo, o resgate dessas trajetórias e percepções locais cumpre um papel político e científico fundamental neste estudo, ao revelar as contradições do desenvolvimento regional e apontar para a urgência de políticas públicas que não apenas fiscalizem, mas que busquem a reparação socioambiental, garantindo a sustentabilidade da vida e a preservação da saúde coletiva frente às transformações do clima.

2.3. “Não que eu seja um pessimista...”: Entre o progresso e a preservação ambiental

Os entrevistados apresentaram um dilema entre o ar limpo e a perspectiva de trabalho.

A população de trabalhadores rurais do setor vive momentos de incertezas, pois não havendo a opção do trabalho do corte, busca novas opções de trabalho. Pouco se sabe sobre as perspectivas de inclusão dos cortadores de cana na economia. Os canaviais constituem importante fonte de emprego para uma fração da população com baixo nível de instrução. Segundo Vilas Boas e Dias (2009), apesar de não se conhecer bem o perfil dos trabalhadores envolvidos no setor sucroalcooleiro, no Brasil, estima-se que nas atividades de corte estejam envolvidos aproximadamente 335 mil trabalhadores (p. 52).

Do ponto de vista ambiental, a eliminação das queimadas é uma vitória para a população que habita as zonas sucroalcooleiras, incluindo os cortadores, porém, socialmente, a mecanização poderá marginalizar essa população, se propostas alternativas de trabalho e de inclusão social não forem pensadas, planejadas e implementadas

Com o clima sim (prejudicou a saúde), e muito, só que e o progresso né hoje tem muito, mas elemento isso e o preço do progresso. Porque a agricultura trouxe muitos outros benefícios, emprego a renda melhorou e o preço que se paga pelo progresso. Eu sou muito ligado à agricultura porque eu nasci na roça, trabalhei na roça desde a minha juventude, então eu entendo que tem tudo a ver com isso, com o desmatamento. (Deodoro, 62 anos, 18-02-2026).

Bom, eu acho que é difícil, né? Assim... e pra geração futura que vem porque esse é o preço do progresso não que eu seja um pessimista mas eu acho que tem que ter muita mudança aí porque olha bem, eu to frisando muito agricultura é muito necessário hoje. Igual falei muito na cana de açúcar, né? Isso não vai mudar quanto mais a gente olha mais você vê desmatamento e plantação de cana e eu acho que pra sempre, não vai mudar e cada vez mais a agricultura principalmente no nosso país é fundamental, agora os jovens de agora e difícil da gente falar porque não sabe como vai ser daqui 20 anos, estou falando de coisas de 50 anos atrás, às vezes pode mudar eu não vejo muita perspectiva. Enquanto ao clima que eu quero que melhore, mas acho que não vai mudar, quem sabe pode ter umas mudanças aí que alguém ter o pensamento diferente e ser bom pro clima, ajudar nas futuras gerações, mas não sei, não posso afirmar como vai ser mais acho que se talvez essa questão do progresso de desenvolvimento e a necessidade de quanto mais alimento vai ter um preço a pagar as futuras gerações. (Deodoro, 62 anos, 18-02-2026).

Olha, exemplo a gente tem, uma bronquite nas crianças, asma, mas aí você vai reclamar para quem? Não adianta, isso é uma bola de neve, adianta ficar falando, não vai adiantar então eu sou desses realista (Venceslau, 64 anos, 27-04-2026).

Os relatos evidenciam que esse dilema não deveria ser entendido como uma escolha entre desenvolvimento econômico e preservação ambiental. A geração de emprego, a produção agrícola e a proteção dos recursos naturais precisam caminhar de forma articulada, de modo que o crescimento econômico não ocorra às custas da degradação ambiental e da qualidade de vida da população.

2.4. “Eu sou igual pardal”: Memórias do campo e percepções sobre o clima

Nas entrevistas com os sujeitos desta pesquisa, quis saber como era a relação deles com o clima da região e como eles percebiam as mudanças que foram acontecendo ao longo de suas vidas.

Hoje não tem mais muita mata que tinha. Hoje, quando aparece o sol, seca muito rápido a terra porque eles desmataram muito né? Esse ponto é que eu acho o principal né? Os desmatamentos das matas nativas para a agricultura, hoje você vê plantação de cana, de soja que não tem nenhuma árvore plantada e naturalmente a terra vai secar muito com isso, pois com isso não tem nenhuma sombra, fica descoberto o solo. (Deodoro, 62 anos, 18-02-2026).

Muitos entrevistados colocaram as diferenças entre viver na roça e na cidade como fundamentais para as memórias que eles carregam e separam a experiência de viver o rural e o urbano.

Não sei te falar porque sempre morei na cidade, só morei na roça até os 6 anos de idade aí eu não me lembro tão bem, eu sou igual pardal adoro morar na cidade. (Floriano, 67 anos, 25-02-2026).

A natureza é benéfica para a gente, e eu tenho meus tios que moram lá nas chácaras. Quando eu vou pra lá eu sinto o ar perfeito, aquele silêncio, os animais cantando, isso me faz bem. Eu acho que se eu pudesse e se tivesse condições de comprar um rancho ou um sítio eu morava em meio a natureza. (Floriano, 67 anos, 25-02-2026).

A associação do campo com qualidade de vida aparece bastante nos relatos, mesmo entre aqueles que afirmam preferir viver na cidade.

*(Eu sou) lá é do interior, é do campo mesmo, Pernambuco (...)
O campo é bom porque não tem barulho, mas eu me acostumei de morar na cidade. Eu saí do campo, eu passei a morar na cidade de verdade mesmo foi no ano de 94, o resto todo era campo aí eu passei morar na cidade. (Afonso, 65 anos, 25-02-2026).*

Do ponto de vista... no interior é bem melhor do que na cidade pra tudo, é mais fresco, você deita e dorme, não tem muito barulho e na cidade você perde até o sono, é muito barulho eu moro na cidade mas não gosto. (Afonso, 65 anos, 25-02-2026).

Alguns lamentam a destruição ambiental que acontece em outros lugares mas não conseguem perceber alterações no clima da região de Ituiutaba.

Não presenciei nenhum, mas só por reportagem eu acho que o calor acabando com as geleiras do mundo vai trazer um transtorno muito grande porque ela que mantinha o clima agradável, porque o calor está tão grande que está derretendo as geleiras lá na Antártica, isso está trazendo consequências para nós. Agora na nossa região não tem nenhuma das coisas absurdas igual a dos outros países né, como enchentes demais, terremoto, então mais ou menos é isso. (Floriano, 67 anos, 25-02-2026).

Os relatos demonstram que a relação dos entrevistados com o clima é construída a partir de suas experiências de vida, de suas memórias e dos lugares que ocupam. Assim, as mudanças ambientais são percebidas de maneiras distintas, muitas das vezes como transformações presentes no cotidiano da região e, também, como fenômenos associados a acontecimentos observados em outras partes do mundo.

2.5. “A melhor forma é fiscalizar”: Percepções sobre possíveis soluções

Os entrevistados não têm muita esperança no futuro e quando pedi sugestões com relação a ele, as respostas foram pessimistas. Deodoro, por exemplo, acredita que as mudanças só virão por necessidade econômica.

Teria que ter uma adversidade na agricultura principalmente na nossa região, plantar árvores por exemplo Eucalipto ne, se usa muito hoje e tem muita localidade que tem lavoura de Eucalipto e isso ajudaria eu creio, fazer taião se tem cana não fazer só cana diversificar, plantação diferente variada. Por exemplo, hoje se planta em muitos lugares a laranja, soja, cana, eucalipto, eu acho que isso aí melhoraria muito o clima, porque tem agricultora que não tem condições de ir. Quando você vai fugir hoje das usinas de cana de açúcar principalmente na nossa região e o mais forte e a cana de açúcar não tem como, mais diversificar nesse sentido o eucalipto da renda também e a laranja também, acho que deveria ser diversificada isso na agricultura. (Deodoro, 62 anos, 18-02-2026).

Mariana, por sua vez, sugere o fim das queimadas e algumas mudanças na vida cotidiana – como queimar lixo, por exemplo.

Sei lá ,tinha que parar com as queimadas, né? As queimadas pra falar elas já são proibidas, as queimadas, para parar de prejudicar a saúde do pessoal tinha que parar com as queimadas. Pra te falar a verdade, você não está podendo mais queimar nenhum lixinho no fundo do quintal mais ,a gente tem o

dia de por o lixo na rua que o coletor passa recolhendo e tem um dia de por o lixo pesado que é um caminhão basculante que passa recolhendo. Eles avisa que vai passar aí você põe o lixo pesado pra fora, quem avisa o dia que eles vão passar um carro propago na cidade pequena já tem um benefício a mais a cidade pequena é bom de verdade. (Mariana, 71 anos, 18-02-2026).

Afonso diz que as medidas não podem ser apenas na região, mas no país inteiro.

Parar de destruir na Amazônia mesmo eles destroem as florestas, isso prejudica a gente porque a água vai embora e fica mais quente ainda o clima. (Afonso, 65 anos, 25-02-2026).

De maneira geral, os entrevistados não parecem associar suas preocupações com medidas políticas. A exceção é Floriano, que sugere que o governo deve incentivar plantio e conservação de mata nativa.

A melhor forma é o governo procurar valorizar, quando a pessoa vai plantar 100 alqueiro de soja e ele libera, seria ela bater o pé. Sendo que 20 alqueiro é pra você fazer o plantio de árvores, porque a natureza vai reflorescer e daí vai voltar a ter um clima agradável. A melhor forma é fiscalizar e apoiar o reflorestamento. (Floriano, 67 anos, 25-02-2026).

As propostas apresentadas pelos entrevistados refletem suas experiências de vida e as formas como interpretam as transformações ambientais observadas ao longo do tempo. Ainda que pontuais, elas evidenciam a preocupação com a preservação da natureza e com a construção de um futuro que concilie produção agrícola, qualidade de vida e conservação ambiental.

Conclusão

Nesta pesquisa, busquei compreender de que maneira as transformações ambientais e as mudanças climáticas na região do Pontal do Triângulo Mineiro são percebidas por um grupo de idosos. Queria mostrar que as alterações do clima não são fenômenos distantes ou meramente abstratos, mas realidades empíricas que atravessam diretamente a subjetividade, a memória e a integridade física dos sujeitos investigados.

O resgate das memórias climáticas dos entrevistados permitiu traçar uma linha que evidencia o contraste entre um passado rural idealizado e a atual desestruturação do Cerrado. Os relatos sobre o desaparecimento de córregos, o acúmulo de sedimentos dos cursos d'água e o avanço irrefreável das lavouras de cana-de-açúcar e pastagens comprovam que os idosos atuam como testemunhas vivas do impacto local de um modelo de desenvolvimento predatório. Através da memória coletiva, constatou-se que as modificações no regime térmico e a escassez hídrica são validadas pelas experiências sensoriais e cotidianas dos idosos, sem depender dos meios de comunicação para reconhecer a gravidade da crise ecológica regional.

O fenômeno das queimadas emergiu como um dos eixos mais críticos desta investigação, e o mais citado pelos meus interlocutores. Embora as narrativas apontem para uma percepção de melhora gradual na poluição urbana direta, respaldada pelos avanços regulatórios do Código Florestal de 2012 e da Política Nacional de Manejo Integrado do Fogo de 2024, as sequelas humanas e ecológicas persistem. O sofrimento imposto pela fuligem, os quadros de insuficiência respiratória crônica que afetam os idosos e a apreensão constante quanto aos riscos laborais nos canaviais explicitam que a modernização tecnológica e jurídica do agronegócio não foi capaz de diminuir as vulnerabilidades históricas infligidas à saúde coletiva e aos trabalhadores do setor.

Além disso, a análise dos discursos trouxe à tona o dilema estrutural entre a preservação ambiental e a necessidade de sobrevivência material sob a égide do capitalismo agrário. A naturalização dos danos ecológicos como "o preço do progresso" traduz a eficácia da colonialidade do saber e do poder, que legitima a destruição do bioma em nome do crescimento econômico e da geração de emprego para populações de baixa instrução. Esse sentimento de impotência do cidadão comum perante o agronegócio reflete a exclusão desses sujeitos nos

processos de decisão e a invisibilização de suas demandas fundamentais, confirmando a necessidade de abordagens sociológicas que denunciem a cumplicidade das normas dominantes na manutenção de cenários excludentes.

Diante do pessimismo generalizado manifestado pelos participantes quanto ao futuro planetário, a busca por soluções sinalizou a urgência de uma intervenção estatal, que supere o distanciamento político evidenciado nas entrevistas. As propostas sugeridas, tais como a diversificação agrícola, a interrupção de práticas nocivas domésticas e a implementação de fiscalização rígida associada ao reflorestamento obrigatório, ressaltam que o bem-estar comunitário depende da superação da lógica da monocultura degradante. Assim, o estudo reitera que a sustentabilidade e a justiça climática só serão alcançadas se integradas a políticas de reforma estrutural, que unam a produtividade econômica ao respeito absoluto e indissociável ao ecossistema.

Referências bibliográficas

ANDRIOLLI, Antonio I. A atualidade do marxismo para o debate ambiental. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 9, n. 98, p. 1-8, 2009.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 11, p. 89-117, 2013.

BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRASIL. Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa; altera as Leis nos 6.938, de 31 de agosto de 1981, 9.393, de 19 de dezembro de 1996, e 11.428, de 22 de dezembro de 2006; revoga as Leis nos 4.771, de 15 de setembro de 1965, e 4.774, de 15 de setembro de 1965, e a Medida Provisória nº 2.166-67, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm.

BRASIL. Lei nº 14.944, de 31 de julho de 2024. Institui a Política Nacional de Manejo Integrado do Fogo; e altera as Leis nºs 7.735, de 22 de fevereiro de 1989,

9.605, de 12 de fevereiro de 1998, e 12.651, de 25 de maio de 2012. Brasília, DF: Presidência da República, 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/l14944.htm.

CAMARGO, Brígido Vizeu; WACHELKE, João Fernando Rech. Representações sociais, representações individuais e comportamento. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, v. 41, n. 3, p. 379-390, 2007.

FICARELLI, Thomas R.; RIBEIRO, Helena. Queimadas nos canaviais e perspectivas dos cortadores de cana-de-açúcar em Macatuba, São Paulo. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 48-63, 2010.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VILAS BOAS, S. W.; DIAS, E. C. Contribuição para a discussão sobre as políticas no setor sucroalcooleiro e as repercussões sobre a saúde dos trabalhadores. In: PLATAFORMA BNDES. *Impactos da indústria canavieira no Brasil*. Rio de Janeiro: IBASE, 2009.